MEMÓRIA, SAÚDE E POBREZA: NARRATIVAS DO SANITARISTA E FARMACÊUTICO RODOLFO TEÓFILO EM FINAIS DO SÉCULO XIX COMEÇOS DO SÉCULO XX, NO CEARÁ

por

Ana Karine Martins Garcia[1]

Resumo: Essa pesquisa refere-se sobre os retirantes que foram oprimidos, rejeitados e ignorados, durante a seca de 1877 a 1879 em Fortaleza. Tais migrantes lutaram por sua sobrevivência e resistiram a uma cidade que os impuseram disciplinas de comportamento. Fontes como: jornais, memorialistas, relatórios, códigos de posturas e também as obras literárias "A fome", de Rodolfo Teófilo, e "Os Retirantes", de José do Patrocínio possibilitaram construir uma narrativa onde foi possível perceber o aprendizado feito por esses vários "sertanejos" que passaram a viver e resistir ao tempo e aos costumes determinados pela cidade e seus habitantes durante a seca de 1878 a 1879.

Palavras-chave: Resistência; Seca; História.

Abstract: This research refers to the migrants who were oppressed, rejected and ignored during the 1877-1879 drought in Fortaleza. Such migrants fought for their survival and resisted a city that imposed them behavioral disciplines. Sources such as: newspapers, memorialists, reports, posture codes and also the literary works "A Hunger" by Rodolfo Teófilo and "Os Retirantes" by José do Patrocínio made it possible to construct a narrative where it was possible to perceive the learning made by these various "sertanejos" who began to live and resist the weather and customs determined by the city and its inhabitants during the drought of 1878 to 1879.

Keywords: Resistance; Drought; History.

O interesse por essa temática que aqui pretendo apresentar surgiu a partir das pesquisas que pude realizar no decorrer do mestrado e do doutorado em História, durante os anos de 2004 a 2011. Queria a princípio entender, a partir das narrativas

[1] Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal do Ceará (2017), Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2011) é atualmente professora substituta no Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (desde 2017).

encontradas na pesquisa sobre a cidade de Fortaleza entre o final do século XIX e começo do XX, como determinados sujeitos históricos estavam construindo seus discursos. Através de suas memórias e testemunhos, estou buscando compreender como a pobreza e a saúde estavam sendo pensadas e determinadas nesse momento.

Desse modo, começo esse texto citando uma passagem, do historiador Jules Michelet, em 1869, que foi transcrita e publicada no livro *Evidência da História*, pelo historiador François Hartog:

> *Nas galerias solitárias do prédio dos arquivos pelos quais perambulei durante vinte anos, alguns murmúrios, apesar do profundo silêncio, chegavam aos meus ouvidos. Os sofrimentos longínquos de tantas almas sufocadas dessas antigas eras se queixavam em voz baixa*[2].

Michelet, através dessa passagem, nos possibilita vê como essa caminhada solitária, no decorrer das pesquisas, permite se deparar com milhares de vozes que foram silenciadas e abafadas no decorrer da história. Essas "*almas sufocadas*" ganham visibilidade a partir das várias narrativas históricas compartilhadas por esses sujeitos que tem, em suas memórias e testemunhos, uma das ferramentas necessárias para que o historiador compreenda mais as "vozes" e suas "queixas", e assim proporcionando uma maior visibilidade na sociedade.

OS CAMINHOS E A CONSTRUÇÃO DE UM NARRADOR

Apesar de não ter pretensão de realizar aqui um relato biográfico, vejo como necessário trazer algumas informações que permitam, além de entender suas narrativas, também compreender essa figura tão emblemática que foi Rodolfo Teófilo.

Esse nasceu em 6 de maio de 1853, na cidade de Salvador, Bahia, e faleceu em Fortaleza, no dia 02 de julho de 1932, aos 79 anos de idade. Filho e bisneto de médicos, cedo ficou órfão, tendo de trabalhar como caixeiro para o seu próprio sustento. Também participou ativamente da campanha abolicionista no Ceará e fez parte dos movimentos literários como a Padaria Espiritual que foi uma entidade de fins literários e artísticos fundada em Fortaleza em 1894.

Foi membro fundador da Academia Cearense de Letras e formou-se em Farmácia em 1875, pela Faculdade de Medicina, da Bahia. Assim, destacou-se em

[2] François Hartog, *Evidência da história: o que os historiadores veem* (Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011), 24.

diferentes áreas do conhecimento e é assinalado também como sanitarista, escritor, literário, historiador, industrial e professor.

Seus testemunhos nos possibilitam analisar alguns momentos históricos no Brasil, mas especificamente, em Fortaleza, e que marcaram o final do século XIX e começo do XX. Como exemplo, temos seus relatos sobre as secas de 1877, 1898 e 1915 e as epidemias, sobretudo, a de varíola e de cólera morbus.

Desse modo, ele deixou uma diversidade de documentos históricos que possibilita aos historiadores e a distintos pesquisadores adentrar as mais variadas temáticas e a observar as ações que perpassaram a trajetória da saúde e da pobreza no Brasil.

Tais fatos que marcaram, sobretudo, esses dois séculos nos permitem observar como os discursos, sobretudo, com relação a pobreza e a saúde possuem especificidades. É a procura por entender esse aspecto que tenho direcionado o olhar para essa pesquisa.

Através de alguns comparativos e questionamentos, especialmente, nas narrativas e testemunhos das obras História da Seca no Ceará (1877-1878) publicada em 1901, e Varíola e Vacinação no Ceará, publicada em 1905, é que tenho observado e analisado a construção da imagem da pobreza, sobretudo, em tempos de crise.

> *Alguns dias depois de os retirantes terem occupado os edificios publicos, não se podia transitar em sua vizinhança; eram verdadeiros focos de infecção. Não eram somente os trapos nojentos e immundos que tinham sobre o corpo, a falta do menor asseio nas habitações, o despejo das materias fecaes á pouca distancia dos dormitorios, que concorriam para viciar a athmosphera, era ainda a grande agglomeração de pessoas em espaços inssufficientes ás necessidades essenciaes á vida*[3].

Outro aspecto que tem ficado evidente é que temos, a partir de seus escritos, a existência de dois escritores; aquele que foi testemunha, em meados do século XIX, e como um relato memorial trouxe questões que viu e viveu durante a grande seca de 1877 e um outro que foi militante e atuante a partir da sua participação na criação e aplicação da vacina da varíola no começo do século XX junto a população de Fortaleza.

A partir de 1900, Teófilo empreendeu uma batalha pessoal contra a varíola, uma vez que a população temia e desconfiava da funcionalidade da vacina por parte do Governo e mesmo sem recursos e vivendo em tempo de seca, fome, da migração em massa e em péssimas condições de higiene esse aprendeu a fabricar

[3] Rodolfo Theóphilo, *História das Secas no Ceará* (Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922), 158-159.

a vacina e passou a vacinar o povo no ano de 1901 com ajuda de sua mulher e um criado. Em seus escritos relatava o que pensava da população pobre:

> *[...]. Aquelle scenario e aquella discussão me fizeram lembrar, não sei porque, o longo periodo de estacionamento que atravessaria o Brazil devido a sua grande população mestiça. Lembrava-me com funda tristeza, que a origem, de oito decimos da população deste grande e opulento paiz fôra a mesma daquelles cinco meninos nús e piolhosos, educados por uma mãe analphabeta e viciosa. Com pezar ainda recordei que a esta grande nação de analphabetos, em sua quasi totalidade, fizeram republica, quando o governo monarchico era por demais liberal para a educação e o civismo de seu povo*[4].

Essa dualidade que a pesquisa e as leituras documentais têm me apresentado de Teófilo é melhor visualizada a partir das questões sobre o meio e a raça. Pois, para ele, o pobre impedido de realizar suas obrigações foi tolhido pelas secas (meio), mas também tinha na sua descendência (raça) fatores que impediam seu progresso. Evidente que essa explicação nem sempre aparecem juntas em sua escrita e as questões eugênicas ficam mais evidente nas escritas do livro varíola e vacinação no Ceará.

A problemática dessa pesquisa está centrada em tentar perceber as questões que envolvem tanto os discursos de Rodolfo Teófilo sobre a pobreza e a saúde, mas também aqueles produzidos por sujeitos que estavam em conforme ou em conflito com relação as suas narrativas e práticas, como foi o caso da sua fabricação da vacina da varíola.

> *[...] Na Câmara os nossos representantes que estavam em oposição ao Governo do Estado pediam socorros para os famintos. Os que se conservavam firmes ao lado do Sr. Accioly diziam, com grande cinismo, que o Estado estava aparelhado para socorrer os flagelados; que não precisava de auxílio da União. Esta afirmação, que não era verdadeira, nos fez muito mal. Alguns mil retirantes mendigavam em Fortaleza e o governo do Estado não lhes prestava assistência de espécie alguma. Se não fosse a caridade pública, os socorros que nos enviavam do norte e sul da República e a emigração para o Pará, promovida pelo presidente daquele Estado, teria morrido muita gente de fome*[5].

[4] Rodolfo Theóphilo, *Varíola e Vacinação no Ceará* (Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997), 109-110.

[5] Rodolfo Theóphilo, *A Seca de 1915* (Fortaleza-CE: Edições UFC, 1980), 38.

Dentre os conflitos mais acirrados que teve foi durante o Governo de Nogueira Acioly. Teófilo criticou por diversas vezes as medidas tomadas em seu governo. Esses conflitos partiam de divergências políticas e também de discordâncias com relação as medidas sanitárias tomadas por Acioly.

Em algumas fontes, vamos perceber que Acioly não considerou a participação de Teófilo como importante na extinção da varíola, diferentemente dos discursos que vimos do governo anterior do Dr. Pedro Borges. E na mensagem de 1906 apresentada a Assembleia Legislativa do Ceará o Governador Nogueira Acioly fez a seguinte declaração:

> *É com sincero prazer que registro o facto de se achar por completo extincto no Ceará a varíola, que, por muito tempo grassou entre nós como verdadeira endemia, fazendo avultado numero de victimas, sobretudo nas classes menos favorecidas da fortuna. Passe esse resultado, muito têm concorrido os esforços perseverantes do Governo do Estado, felizmente (sic) auxiliado, nessa obra meritoria por aquelles a quem incumbe a defeza da saúde pública*[6].

Deve-se mencionar que Teófilo montado a cavalo visitou a população que vivia nos bairros pobres de Fortaleza, uma vez que percebeu que essa por medo não o procurava para ser vacinada e o interessante dessas visitas é que o farmacêutico vai se utilizar de histórias e narrativas para convencer as pessoas dessas localidades a se vacinarem.

> *Cheguei uma vez a porta de uma choupana; ahi estava sentado o dono da casa, um cabra fornido e novo, mal encarado e que me pareceu do sertão. Saudei-o. Correspondeu-me resmungando um bom dia por entre os dentes. Perguntei-lhe se não tinha pessoas em casa para vaccinar. Respondeu-me, de máos modos que a vaccina que queria era a de Deus; e nem sequer se dignou olhar-me. Por este introito vê-se com que bixo eu ia tratar e que somma de paciencia me seria preciso para atural-o e vencel-o. Havia de humanisal-o contando-lhe alguma das minhas lendas adrede improvisadas*[7].

Observando seu relato, podemos analisar como esse não somente via mais também se relacionava com a população pobre. Além de uma visão de atraso dessas

[6] Nogueira Accioly, *Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará*. Fortaleza, 1 de julho 1906, 10-11.

[7] Rodolfo Theóphilo, *Varíola e Vacinação no Ceará* (Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997), 125.

pessoas esse os viam como aqueles que precisavam ser humanizados e de certo acreditava que era sua missão ao convencê-los a deixarem vacina-los.

A princípio ele muitas vezes era rejeitado, mas logo esse conseguia mudar a situação tentando observar a crença dessas pessoas e assim adaptar histórias que os convencessem da importância da vacina.

> *Contei-lhe a historia de Jenner em que este figura de um santo anachoreta que vivia nas brenhas a fazer penitencias e a obrar milagres. Já comia o manná do céo que lhe trazia uma pomba, alva como a neve, e que todas as tardes descia das alturas á caverna onde morava o santo. Perto havia uma cidade assolada pela variola. O povo della, muito devoto viu que se acabava todo apodrecendo em vida, fez preces e romarias para aplacar a colera de Deus. Todos os dias morria mais de mil pessoas*[8].

Esse trabalho como falei está somente no começo e muitas questões ainda deverão aparecer, mas por ora somente é possível pensar que a memória desse intelectual criou vertentes a partir de seu testemunho, mas também a partir das narrativas construídas para dá voz a suas crenças e ideais.

Acredito que sua visão sobre a pobreza não é algo construída somente pelas questões políticas, sociais e econômicas que perpassaram esses dois séculos. Mas, também de uma formação de valores e crenças adquiridos a partir da ciência médica que passava a criar credibilidade entre os finais do século XIX e começo do XX.

AS NARRATIVAS SOBRE A GRANDE SECA

Rodolfo Teófilo em suas narrativas dedicou-se principalmente a questão da seca no século XIX, especialmente, ao modo como os sertanejos cearenses (retirantes) foram atingidos por evento climático de 1877, ocasionando assim o intenso fluxo migratório da população interiorana para a capital cearense.

> *Repellidos quando esmolavam, acossados cruamente quando, se aproveitando da escuridão da noite, invadiam as lavras, o que lhes restava era a emigração para capital, para onde, diziam elles o rei tinha mandado muito dinheiro e roupa para se distribuírem com a pobreza*[9].

[8] Rodolfo Theóphilo, *Varíola e Vacinação no Ceará*, 125-126.
[9] Rodolfo Theóphilo, *História das Secas o Ceará* (Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922), 97.

Teófilo, chama atenção para a forma pela qual a população interiorana recebia as notícias sobre os auxílios enviados e a crença de que o Imperador mandava ajuda somente para a capital cearense. Todavia não se pode considerar esse fato o único determinante para a migração, pois havia outros fatores que contribuíram significativamente para desencadear tal ação, como as questões relacionadas à falta de terras, às relações de dependência com o grande proprietário e ao desejo de buscar trabalho em outras províncias, a fim de melhorar suas vidas.

Esse também privilegiou, em grande parte da sua obra referente às secas, os retirantes nos espaços urbanos, narrando como estavam vestidos, os comportamentos, as atitudes, suas habitações e alimentação. É o caso do jornal o "Cearense", que também noticiou a chegada dos primeiros grupos de retirantes vindos de Uruburetama. É interessante observar que na escrita do jornal havia as seguintes afirmações: "Vimos alguns desses infelises, na phisionomia dos quaes se estampa a miséria, a fome[10]. A miséria e a fome, nas palavras desse jornal, deixam de ser expressões abstratas e passam a tomar uma forma concreta quando, através da imagem criada e descrita, definem quem eram os emigrantes que ocuparam a urbe.

Os retirantes batiam à porta e agrediam o ego de uma elite urbana desejosa de ares civilizados e mais que isso: inviabilizava boa parte de sua vida. Os "flagelados" circulavam pelos espaços urbanos como praças e ruas a procura de ajuda. Muitos utilizavam o seu estado de penúria na tentativa de conseguir de diversas formas o que desejavam (alimentos, roupas, dinheiro...), e para isso a trapaça era um recurso usado com os citadinos que os ajudavam.

A criminalidade e a prostituição vão estar presentes no cotidiano desses retirantes. A seca passava a ser a grande responsável por trazer esta *estranha e dolorosa novidade*[11]. Assim, segundo Teófilo, "O vicio parecia ter contaminado todos os famintos. Viamse em todos as edades creaturas pervertidas"[12]. No entanto, é importante analisar que os fatores considerados "novos" já faziam parte do cotidiano da cidade, a fim de se desconstruir a ideia de que os vícios apontados pelos jornais, relatórios e memorialistas aparecem através dessa calamidade.

A documentação estudada evidencia os retirantes, que deixavam de ser visualizados como sujeitos sociais participativos e possuidores de vontade e desejo próprios, independentemente da situação calamitosa em que se encontravam, priorizando relatá-los como uma multidão que chega aos espaços urbanos a procura

[10] *Caerense*. Fortaleza-Ce, 15 de abril de 1877, 3.

[11] Frederico de Castro Neves, *A multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000), 27.

[12] Rodolfo Theóphilo, *História das Secas o Ceará*, 125.

de auxílio e, devido às consequências da "terrível" seca, agem sempre por instinto e nunca através da racionalidade.

A partir dessas perspectivas, nota-se que grande parte dos escritos de Teófilo e também da imprensa cearense e nacional, sobre a seca de 1877 no Ceará, findaram por construir e associar, a imagem desse momento ao de um grande sofrimento coletivo enfrentado pelos retirantes. E para isso utilizaram-se de descrições realistas com narrativas de cenas que envolvia tristeza, dor e morte para servir como mecanismos de comoção para a população citadina, sobretudo, com finalidades políticas de angariar recursos materiais para a Província do Ceará.

> *A chegada d´aquelles desventurados era um espetáculo contristador. O triste cortejo da miséria desfilava a todas as horas pelas ruas da capital. Era um quadro sombrio uma caravana de retirantes, verdadeiros esqueletos animados, com a pelle enegrecida pelo pó das estradas e collada aos ossos, estendiam a mão descarnada pedindo esmola a todos que encontravam*[13].

Observa-se que são descrições fortes, nas quais, na maioria das fontes, raramente os retirantes são descritos a partir de um nome, mas definidos e apontados através das suas características físicas. A individualidade é deixada à parte e eles assumem um papel coletivo, no qual as representações dos aglomerados são consideradas, muitas vezes, como ameaça à cidade e aos seus moradores. Diante desses aspectos, nota-se que tais cenas preocupavam as elites locais, pois o *espetáculo contristador* afetava o ideal de civilidade que a cidade vinha tentando implantar ao longo dos oitocentos.

Nos escritos também pode-se observar outros pontos que identificavam e descreviam detalhadamente os retirantes. As representações acerca das roupas, bem como da alimentação são marcas presentes nas fontes e palavras como: nus, trapos, esfaimados, famintos e muitas outras expressões análogas que faziam referências ao modo de vestir-se, comer, e à aparência física em que se encontravam.

> *As cidades villas e povoações mais próximas da capital regorgitavam de retirantes nus e esfaimados, a maior parte desabrigados. Já não eram somente as raízes silvestres que procuravam como alimento, comiam até cadáveres dos animaes que encontravam!*[14].

[13] Rodolfo Theóphilo, *História das Secas o Ceará*, 97.
[14] Theóphilo, *História das Secas o Ceará*, 125.

Os alimentos consumidos pelos retirantes acabavam, muitas vezes, por aprofundar o seu estado de penúria, trazendo graves consequências para a sua saúde. Um dos alimentos citados, *os cadáveres dos animaes*, sustento disponível. Ao longo da jornada migratória, pois os retirantes, muitas vezes, alimentaram-se de restos de gado e outros animais mortos, em estado de decomposição no caminho e que, quando ingeridos, ocasionavam graves danos ao organismo já debilitado. Contudo, mesmo já na cidade os emigrantes se depararam com essa má alimentação, e muitas das carnes e outros gêneros alimentícios,[15] distribuídos pelos socorros públicos do governo, estavam estragados.

> *A população indigente de toda a província ressentia-se da falta de uma alimentação fresca e sadia. A carne do sul, sempre de má qualidade e saturada de sal, já não podia ser supportada impunemente por estômagos enfraquecidos e estragados*[16].

Teófilo já denunciava a forma como eram tratados esses alimentos, sobretudo "*carne do sul*, um dos alimentos que faziam parte da "ração" dos retirantes. Também se encontra referência dessa má alimentação nos ofícios expedidos aos presidentes de Província pelos comissários responsáveis pelos abarracamentos. Dentre esses se encontra um ofício expedido no dia 14 de dezembro de 1877,75 o que possibilita analisar melhor a situação dos alimentos que foram distribuídos à população flagelada. *É de meu dever levar ao conhecimento de V. Excia que os gêneros alimentícios; que como socorros foram hontem distribuídos aos indigentes grande parte d'elles eram imprestáveis*[17].

Os retratos construídos dos emigrantes e de sua alimentação são diversos e extremamente importantes para a compreensão dos indícios sobre o seu cotidiano, especialmente para observar as imagens que foram construídas a seu respeito. Os memorialistas, de certa forma, em suas palavras dramáticas e também bastante descritivas tentaram mostrar os "modos" dos retirantes.

> *...no mercado publico encontravam-se grande número de barracas a maior parte vendendo unicamente mel de furo. Este gênero importado de Pernambuco e Maranhão chegou a dar em mãos de importadores... os retirantes tinham verdadeira paixão por esse alimento. Quando acontecia*

[15] Este termo é bastante encontrado na documentação: relatórios, ofícios expedidos, jornais e memorialistas. Este era o nome dado aos alimentos que os retirantes recebiam, diariamente, do governo da província durante os momentos em que moraram na cidade de Fortaleza. Segundo Rodolfo Teófilo faziam parte desta ração a farinha de mandioca, o feijão, o arroz, o milho, a carne, o bacalhau e a farinha de milho.

[16] Theóphilo, *História das Secas*..., 247.

[17] Arquivo Público do Estado do Ceará-APEC. Ofícios Expedidos, 14 de dezembro de 1877.

> *quebrar-se algum barril, no trajecto da praia para a cidade, e derramar--se o líquido sobre o calçamento, agglomeravam-se indigentes de todas as edades, ganhavam com os dedos aquele mel misturado com o lixo das ruas e comiam ate deixarem as pedras completamente enxutas!*[18].

A descrição de Rodolfo Teófilo mostra alguns dos "comportamentos" e "modos" dos flagelados quando se tratava da questão da alimentação. Em sua narrativa são expressas várias representações que se tornam relevantes analisar. Primeiro, deve-se observar que o gênero citado não era um produto acessível para os emigrantes, por se tratar, como relatado, de um produto importado, detido pelos emigrantes a partir da quebra de um barril. Segundo, é perceptível pelas palavras dele que os sentimentos como a paixão e o desejo são associados ao prazer do alimento, ou seja, os retirantes desejavam tal gênero devido ao sabor e não somente pelo estado famélico em que se encontravam. Entretanto, Teófilo não deixa de mostrar as atitudes consideradas "animalizantes" ao descrever como os retirantes agiam quando tinham a oportunidade de obter o alimento. Teófilo relata momentos de racionalidade e de irracionalidade ao colocar em oposição o gostar e os comportamentos instintivos.

É relevante mencionar que Teófilo em seus escritos tentou alertar a todos para os cuidados com as questões sociais que envolviam a seca. Sabedor que esses fenômenos eram recorrentes fazia sempre menções sobre as ações que deverem ser tomadas pelas autoridades responsáveis.

> *O que poderia auxiliar energicamente o homem no sentido de atenuar os efeitos da seca, o que poderia orientá-lo nas providências a tomar, era a história das secas anteriores e esta infelizmente não havia ficado. Quanto a mais recente e da qual ainda existiam contemporâneos, sabia-se de um ou outro fato que eles conservavam na memória, o tempo havia apagado a parte mais importante, isto é, o que dizia respeito às medidas tomadas pelo governo*[19].

Como intelectual e literário, Teófilo tinha dimensão do valor da escrita e esperava que suas narrativas que denunciavam e também alertavam sobre essa problemática da seca chegaria as gerações futuras, uma vez que as memórias dos fatos vividos por ele foram registradas nas páginas de suas obras.

[18] Theóphilo, *História das Secas*…, 249.
[19] Theóphilo, *Varíola e Vacinação no Ceará*, 284.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao rever as memórias sobre figura tão emblemática é, inicialmente, importante lembrar quem foi e o que representou Teófilo para a sociedade cearense entre o final do século XIX e começo do XX.

As palavras da historiadora Adelaide Gonçalves definem bem quem foi esse intelectual e os por que esse marcou a nossa história.

> *Um escritor que jamais se furtou a esgrimir as palavras, esculpir os argumentos com a paciência de sábio [...]. Nele se combinam, à perfeição, a força do argumento e da defesa apaixonada de suas convicções. De sua escrita testemunhal resulta uma história sob o signo do compromisso; sem concessões ao tom louvaminheiro, esquivo aos adjetivos vazios, guardou distância da ante-sala do poder político. A palavra em Rodolfo Teófilo é poderosa arma da crítica, ela própria vacina contra a corrupção do tempo e das armadilhas da política como negócio*[20].

É relevante mencionar que Rodolfo Teófilo foi um homem que representou bem sua época. Sua admiração e devoção a ciência e saúde é um dos motivos que o impulsionaram a está aberto ao novo. Mas, esse não deixou de participar das questões políticas e sociais da cidade e através de uma escrita continua e intensa lançou seus protestos contra ao descaso e a corrupção.

No entanto, suas ações somente no presente é que podem ser melhor observadas, e seu trabalho com a fabricação e aplicação da vacina da varíola não teve o reconhecimento que esperava. Muitos atribuem isso a suas questões políticas com o então Governador Nogueira Accioly e também a forte rejeição da população pelo desconhecimento e temor dos efeitos dessas vacinas.

Teófilo deixou em suas narrativas não somente a possibilidade de o conhecer, mas também de se entender sobre um determinado aspecto o passado. As obras e as memórias que por ele foram escritas nos dão uma visão dos hábitos e costumes de uma geração que viveu na cidade de Fortaleza entre o século XIX e o XX.

Não se pode deixar de mencionar que a historiografia teve um ganho, uma vez que as fontes referentes ao período de suas produções são muito escassas no que diz respeito ao cotidiano da cidade e, sobretudo, dos moradores pobres. Assim,

[20] Adelaide Gonçalves, "Rodolpho Theóphilo: o protesto da palavra". In *Violência, Rodolfo Teófilo,* organizado por Adelaide Gonçalves, (Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005), 6-7.

os historiadores e pesquisadores que estudam sobre o Ceará e, especificamente, Fortaleza nesse período tem sempre que de algum modo que ter acesso a suas narrativas e devem realizar as leituras de suas principais obras.